

Diploma versus salário:

análise entre alunos egressos e evadidos dos cursos técnicos de nível médio

MARIA JOSÉ SUZUMURA *Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: mjsuzumura@gmail.com*

ALEXANDRE CAPPELLOZZA *Doutor em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/EAESp). E-mail: cappelozza@gmail.com*

9

RESUMO

A educação para o trabalho adquire maior importância à medida que aumenta seu papel na dinâmica da sociedade moderna, que exige atualização contínua dos saberes e busca reduzir a evasão dos cursos como um de seus desafios. Na educação profissional, a evasão escolar dos jovens estudantes é constante. Assim, um dos acontecimentos mais comuns na juventude pobre é a necessidade de trabalhar para ajudar a compor o orçamento doméstico, obrigando o jovem a desistir da escola por não conseguir conciliar a rotina diária do trabalho com os estudos. Esta pesquisa procura compreender a evasão escolar a partir da diferença salarial entre grupos de estudantes que abandonaram e finalizaram o curso, entre outras análises. Os dados foram coletados entre alunos ingressantes em dez cursos técnicos de nível médio de uma escola técnica estadual na cidade de São Paulo.

A pesquisa permite concluir que os alunos formados conseguem melhores salários que os alunos evadidos, sendo a média dos salários dos que conseguiram se formar superior em 16,6% à média salarial dos evadidos. A maioria dos alunos evadidos aponta o trabalho como principal causa da evasão escolar. Também se evidencia a presença das políticas públicas para o crédito educacional entre os respondentes, já que 34,8% da amostra possui bolsas do Prouni ou do crédito educativo do Fies.

PALAVRAS-CHAVE

Diferenças salariais. Educação profissional. Cursos técnicos. Evasão escolar. Ensino técnico.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O mercado de trabalho vem exigindo cada vez mais qualificação e aperfeiçoamento; demanda trabalhadores que entendam os fundamentos do trabalho que estão realizando, que dominem as novas tecnologias, utilizem ferramentas e maquinário atualizados e cujas atitudes estejam dentro do comportamento esperado pela empresa. Nesse sentido, a educação para o trabalho está adquirindo maior importância à medida que aumenta seu papel na dinâmica da sociedade moderna. Isso porque a rápida evolução da sociedade exige atualização contínua dos saberes, principalmente para aqueles que não tiveram acesso à escolarização em idade própria, ou para quem deseja uma qualificação específica (BARBOSA FILHO; PESSOA, 2010).

A educação desenvolve competências e habilidades importantes para o trabalho. A cada etapa, somam-se a ela novos conhecimentos que, ao desenvolver o potencial intelectual, trazem competitividade e inovações ao trabalho, promovendo o crescimento da pessoa, bem como o das organizações. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio/2012 (PNAD/2012) (IBGE, 2013), pessoas com mais anos de estudo possuem melhores perspectivas de trabalho em razão da maior produtividade trazida pela educação, independentemente da renda familiar.

No Brasil, a partir dos 16 anos, o jovem pode se inserir no mercado de trabalho sem necessidade de formação específica, com a garantia do salário mínimo; mas, possuindo um conhecimento prévio ou capacitação, seus ganhos salariais poderão ser melhores (MENEZES FILHO, 2001).

Os jovens ingressam em um curso técnico pensando em exercer uma profissão, um trabalho, esperando uma remuneração atraente no futuro próximo, ou que, pelo menos, permita a realização de seus sonhos. Entretanto, na educação profissional, a evasão tem sido um fenômeno constante, a despeito de estarmos diante de uma sociedade capitalista que exige do indivíduo capacitação e habilidades para poder ser absorvido no mundo do trabalho, este cada vez mais exigente. É um desafio a ser superado e as soluções têm sido muito lentas e difíceis (JOHANN, 2012).

Segundo Queiroz (2006), a evasão escolar é o abandono da escola antes da conclusão de uma série ou de um determinado nível, com o conhecimento da escola ou não, ocasionando uma formação incompleta.

A evasão escolar não é provocada apenas por fatores internos da escola; ao contrário, a maneira como a vida organiza-se fora dela é um fator decisivo; então, aspectos associados com a condição de vida da população escolar brasileira, as condições político-econômicas podem formar barreiras à continuidade dos estudos (CRAVO, 2012; PELISSARI, 2012).

Assim, um dos acontecimentos mais comuns na juventude pobre é a necessidade de trabalhar para ajudar a compor o orçamento doméstico, obrigando o jovem a desistir da escola por não conseguir conciliar a rotina diária do trabalho com os estudos. Visto que a busca por renda é um fator associado à evasão escolar (CAMPOS; SANTANA, 2013), o presente estudo busca, principalmente, avaliar as diferenças salariais entre os ex-alunos evadidos do ensino técnico atuantes no mercado profissional comparadas com os alunos egressos formados com o objetivo de discutir se tais diferenças podem contribuir para a evasão escolar dos alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO

No início da década de 1960, alguns economistas investigaram de forma sistemática o papel da educação. Solow (apud BARBOSA FILHO; PESSOA, 2010, p. 267), indicou em seus trabalhos, na década de 1950, que “o crescimento do produto americano era maior do que o crescimento da oferta dos fatores de produção, capital e trabalho”. Esse crescimento a mais no produto observado foi chamado de resíduo de Solow e era atribuído ao progresso técnico ou à acumulação de outros fatores que não estavam sendo captados pelos estudos de Solow. A resposta a essa argumentação era a melhoria da qualidade do trabalho, dada pelo aumento da escolaridade média da população economicamente ativa e elevação do nível médio de experiência do trabalhador, associado à capacitação e treinamentos no trabalho (BARBOSA FILHO; PESSOA, 2010).

Schultz (1960) foi o primeiro autor a considerar a educação como um investimento no homem. Esse investimento resulta na formação do capital humano. Embora não possa ser vendido, é uma forma de capital porque provê uma produtividade com valor econômico. Nesse sentido, parte considerável da expansão da renda é fruto do aumento do capital humano. Observou que o crescimento do produto foi superior ao crescimento em terras, homens-hora e capital físico. O investimento em capital humano é um elemento que explica grande parte dessa diferença e explica também a elevação dos ganhos reais por trabalhador. Já Becker (1962) avalia o investimento ótimo, do ponto de vista social, em educação. Nessa direção, uma alta na qualidade dos estudantes implicaria uma elevada taxa de retorno da educação e evidenciaria que a decisão de estudar é uma decisão econômica (BARBOSA FILHO; PESSOA, 2010).

Considerar o investimento em educação uma decisão econômica é uma tentativa de compreender as causas da desigualdade de renda. Uma possibilidade era que as habilidades das pessoas eram diferentes, explicando a desigualdade de rendimentos do trabalho dos indivíduos. Mincer (1958) mostrou que, se todos os indivíduos forem idênticos com relação à habilidade e se os diferenciais de salário em função da maior escolaridade compensarem exatamente os custos privados envolvidos em educar-se, a distribuição de salários deveria ser assimétrica, da forma como observado (BARBOSA FILHO; PESSOA, 2010).

Barbosa Filho e Pessoa (2010) afirmam que, mesmo com todas as dúvidas que ainda existem, a partir de uma formulação bastante econômica do impacto da educação sobre o nível da renda de longo prazo, é possível descrever aproximadamente 40% da diferença de renda entre o Brasil e os Estados Unidos pelo atraso educacional em nosso país.

O EMPRESARIADO E O MERCADO

O empresariado nacional procurou demonstrar à sociedade e ao governo que havia necessidade de o sistema educacional sofrer alterações para se tornar convergente com os interesses industriais (CNI, 1988).

Chamando atenção para o distanciamento entre o sistema educacional e as exigências do setor produtivo, salientou-se que havia demanda por trabalhadores com novos comportamentos, principalmente em seu envolvimento com o processo de produção (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI, 1988).

A preocupação do empresariado, refletida em sumário executivo da CNI (1994), era que as debilidades do sistema educacional fossem um empecilho à possibilidade de a economia nacional ser competitiva. O empresariado acreditava que a melhoria da educação básica não alcançaria a universalização do ensino médio e vinculou o fato diretamente à qualificação da força de trabalho. A educação básica era fundamental para os trabalhadores poderem assimilar as novas tecnologias e, com o ensino profissionalizante, viria o treinamento visando aos conhecimentos específicos (OLIVEIRA, 2003).

Pochmann (2001) e Marques (2002) afirmam que, nas nações industrializadas, com a produção de mercadorias com maior valor agregado, existe a criação de novos postos de trabalho que demandam uma maior qualificação dos trabalhadores. Esses postos, entretanto, são indiretamente ligados ao chão da fábrica.

De acordo com Leite (1994) e Carvalho (1994), a relação entre competitividade industrial e formação de capital humano a partir de certas características do empresariado brasileiro interfere diretamente na criação de uma economia competitiva. O conceito de competência tem aparecido como o novo protagonista das relações entre as classes e os indivíduos, utilizando a educação profissional como mediação para o entendimento da função econômica da educação. O aumento de escolarização e o acúmulo de competência tornam-se a solução individual para a superação da exclusão social (RAMOS, 2001).

As organizações também se tornaram cada vez mais rigorosas em seus processos de seleção. A preocupação dos profissionais em desenvolver competências individuais para a aquisição e manutenção do emprego aumentou, pois o mercado de trabalho tornou-se mais restrito e exigente (SARRIEIRA, 1999).

As organizações, atualmente, possuem configurações diferentes e procuram diferenciais para obter melhores resultados, o que significa investir nas pessoas que tenham habilidades para converter ações em lucros. Esses profissionais devem apresentar novas maneiras de atuar e criar possibilidades de aprendizado constantes (MORGAN, 2002; GRAMIGNA, 2007).

Em seus estudos, Alves e Soares (1997), Leite (1997) e Machado (1998) trazem dados sobre o aumento da demanda por trabalhadores mais escolarizados, o que pode estar relacionado à elevação da oferta de indivíduos mais educados e competentes, e não necessariamente ao processo de modernização produtiva, equivalendo dizer que as organizações procuram, além de qualificações técnicas, também as comportamentais.

Silva e Kassouf (2002) observam que os jovens brasileiros têm muitas dificuldades quando buscam o primeiro emprego e tornam o quadro social mais precário pela interdependência existente entre baixa escolaridade, renda, violência e outras variáveis. A inserção no mercado formal de trabalho será difícil pela falta de experiência e pela necessidade de demonstrar suas qualificações técnicas e comportamentais em um processo seletivo. A entrada desse jovem no mercado de trabalho é marcada pela procura de emprego e a passagem por diferentes tipos de educação (relacionados à formação e à qualificação profissional), período marcado por instabilidade e condição precária de trabalho, se comparada ao adulto.

Pochmann (2007) salienta que muitas ofertas para o primeiro emprego são temporárias e, sem a existência de uma ocupação estável, torna-se difícil a construção de uma carreira profissional.

Estudos de Souza (2006) e Barbosa (2007), realizados com o objetivo de analisar projetos de inclusão de jovens no mercado de trabalho, demonstraram que a participação nesses programas e projetos possibilita melhores chances, bem como o desenvolvimento de competências.

Assim, é preciso criar estratégias por meio das organizações governamentais e escolares para combater a evasão escolar nos cursos profissionalizantes, para que haja a entrega de jovens profissionais capazes de aten-

der às exigências do mercado, criando condições de competitividade e sustentabilidade das empresas.

15

A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO TÉCNICO

A evasão escolar é o abandono da escola antes da conclusão de uma série ou de um determinado nível. É considerado egresso o ex-aluno que concluiu toda a carga horária do curso, ocupando ou não um posto no mercado de trabalho; já o aluno evadido, ou desistente, é aquele inscrito no curso, mas que não comparece às aulas e abandona o curso em que estava matriculado (QUEIROZ, 2006).

Estudos apontam aspectos sociais como determinantes da evasão escolar, dentre eles: os problemas familiares, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a escola e o próprio aluno (QUEIROZ, 2006). O que muitas vezes pode acontecer, no entanto, é o conflito entre a escola, que não consegue manter o aluno, e o mercado de trabalho, que exige qualificação na área de trabalho. E a consequência é que muitos alunos se mantêm excluídos do sistema educacional e do mercado de trabalho (JOHANN, 2012).

Nos estudos realizados por Schargel e Smink (2002), foi possível identificar cinco categorias de causas da evasão:

- as psicológicas, resultantes das condições individuais, como imaturidade, rebeldia, dentre outras, ocasionando uma predisposição à evasão;
- as sociológicas, que entendem que o referido fenômeno não pode ser encarado como um fato isolado;
- as organizacionais, que procuram identificar os efeitos dos aspectos das instituições sobre taxa de evasão;
- as interacionais, que avaliam a conduta do aluno em relação aos fatores interacionais e pessoais; e
- a econômica, que considera os custos e benefícios ligados à decisão, que depende de fatores individuais e institucionais.

Campos e Santana (2013) apontam como principais motivos para a desistência: incompatibilidade de horário com o trabalho, tentativa de cursar paralelamente mais de um curso em instituições diferentes, falta de aptidão para o curso, grau de dificuldade de deslocamento e do próprio curso.

Meksenas (2003) realizou um estudo com alunos do curso noturno e diz que, obrigados a trabalhar para seu sustento próprio e complementar a renda da família, vencidos pela dificuldade da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do ensino, muitos alunos desistem dos estudos. O que acontece é que a necessidade de trabalhar para obter renda torna difícil conciliar estudo e trabalho; a exaustão provocada pelo dia de trabalho pode ser motivo do baixo rendimento, culminando na evasão escolar.

A entrada no mercado de trabalho reduz a oportunidade de uma boa educação, pois se sabe que jovens trabalhadores têm menor oportunidade de frequentar a escola regularmente. Mesmo frequentando, para muitos não sobra tempo para estudar, aumentando a desistência. A maioria dos jovens procura o trabalho por necessidade de sobrevivência e outros para conquistar independência financeira, sendo, em muitos casos, o trabalho incompatível com a frequência escolar, o que, por sua vez, leva à escolha do trabalho em prejuízo à escola. Assim, pode-se dizer que a evasão escolar está intimamente relacionada ao trabalho do jovem (SILVA; KASSOUF, 2002).

Em seus estudos sobre alocação de tempo feita pelos jovens de 15 a 17 anos, Silva e Kassouf (2002) constataram que o trabalho dos jovens está intimamente relacionado com a renda *per capita* de suas famílias. A renda média mensal *per capita* (excluindo o rendimento dos jovens) dos domicílios de jovens que não trabalham é significativamente superior à dos domicílios de jovens que trabalham. Já no caso dos jovens de 20 a 24 anos, o principal motivo para esses jovens trabalharem não é a complementação da renda familiar; muitos dos homens jovens já são chefes de família e as mulheres já se tornaram mães e trabalhadoras. A entrada no mercado de trabalho ocorre por volta dos 13 anos na zona urbana.

Campos e Santana (2013) apontam a incompatibilidade de horário com o trabalho como um dos principais motivos para a desistência da escola. A necessidade de trabalhar para obter renda dificulta a conciliação entre estudo e trabalho; a exaustão provocada pelo dia de trabalho pode ser motivo do baixo rendimento, culminando na evasão escolar.

Nas pesquisas desenvolvidas sobre evasão no ensino técnico de nível médio, a necessidade de trabalhar para obter renda surge como um dos fatores mais importantes. Todavia, não é considerado se a qualificação intermediária facilita a inclusão dessas pessoas no mercado de trabalho ou, ainda, se o acréscimo de conhecimentos e de capital intelectual conseguido no período é atrativo para as organizações pela capacitação desses jovens e se elas estão dispostas a oferecer um salário maior por conta disso (CAMPOS; SANTANA, 2013; CRAVO, 2012; JOHANN, 2012; PELISSARI, 2012).

Tendo em vista a necessidade que grande parte dos jovens tem de trabalhar, a inexperiência profissional durante o curso técnico e as dificuldades com que se dá seu primeiro emprego, são formuladas as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 (H1): existe diferença salarial entre os ex-alunos com formação técnica de nível médio e pessoas que evadiram dos cursos técnicos.

Hipótese 2 (H2): existe diferença salarial entre os alunos evadidos do ensino técnico em relação às pessoas sem qualificação específica.

MÉTODO

A pesquisa é quantitativa, exploratória e busca a generalização dos seus resultados a partir de uma amostra da população representada pelos alunos egressos e evadidos. O estudo transversal foi desenvolvido por meio das respostas obtidas com o auxílio de questionário para a coleta de dados.

O instrumento de coleta de dados possui questões ligadas à evasão escolar elaboradas a partir de estudos anteriores aplicados a alunos dos cursos técnicos (JOHANN, 2012; PELISSARI, 2012). O questionário foi aplicado por telefone para viabilizar a coleta de dados dos respondentes.

INFORMAÇÕES DA AMOSTRA

Os alunos entrevistados foram matriculados na Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas pertencente ao Centro Paula Souza. Este centro é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia (SDECT) e que administra 211 escolas técnicas e 56 faculdades de tecnologia estaduais em 161 municípios paulistas. As Escolas Técnicas Estaduais – Etecs atendem, aproximadamente, 226 mil estudantes nos ensinos técnico e médio. Atualmente, são oferecidos 124 cursos técnicos para os setores industrial, agropecuário e de serviços.

A Etec Getúlio Vargas iniciou suas atividades em 28 de setembro de 1911 e está situada no bairro do Ipiranga, na cidade de São Paulo. Em 1982, essa instituição foi incorporada ao Centro Paula Souza, passando a fazer parte de um grande programa de expansão instituído como meta do Governo do Estado de São Paulo.

Por ser uma escola muito procurada por ocasião dos vestibulinhos, a demanda média por cursos, em 2013, era superior a 4,0 alunos por vaga (o curso de Edificações apresenta uma demanda superior a 8,0 e o de Mecatrônica, superior a 6,0) para o período da tarde ou da noite (CEE-TEPS, 2013).

A amostra do estudo é composta de jovens que ingressaram na escola técnica entre o primeiro semestre de 2009 e o final de 2012. A partir de informações de 2.744 alunos ingressantes em cursos profissionais de São Paulo e posterior entrevista com os alunos por telefone, foram preenchidos completamente 187 questionários.

Dos 187 questionários, foram retirados dois respondentes identificados como *outliers*, que são valores atípicos que poderiam influenciar os testes estatísticos, e outros 42 respondentes que não declararam o valor do seu salário, seja por estarem desempregados ou por opção; cinco respondentes declararam rendimentos inferiores ao salário mínimo, declarados como bolsa-auxílio, e foram retirados por estarem na condição de estagiários. Assim, a amostra final foi composta por 138 respondentes.

ANÁLISE DE RESULTADOS

A amostra foi composta pela seguinte distribuição por dados demográficos, conforme Tabela 1, a seguir:

TABELA 1 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Gênero	Qtde.	%	Situação	Qtde.	%	Estado civil	Qtde.	%
Masculino	38	28	Formados	81	59	Solteiro	116	84
Feminino	100	72	Evadidos	57	41	Casado	21	15
						Outros	1	1
Soma	138	100	Soma	138	100	Soma	138	100

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os respondentes foram, em sua maioria, do sexo feminino (72%), dos quais 59% (81 respondentes) haviam concluído o curso iniciado e 41% (57 respondentes) não conseguiram finalizá-lo. A grande maioria dos respondentes, 84% (116 alunos), é solteira.

TABELA 2 – IDADE POR FAIXA ETÁRIA – CUMULATIVA

Faixa etária	Amostra		Saie
Até 24 anos	90 respondentes	65,2%	61,7%
Até 30 anos	110 respondentes	79,7%	79,7%

Fonte: Elaborada pelos autores.

De acordo com a Tabela 2, a idade média ponderada encontrada foi de 24,1 anos; 65,2% dos respondentes possuem até 24 anos e 79,7% de pessoas têm até 30 anos. Comparando os dados da amostra com os resultados da pesquisa elaborada pelo Sistema de Acompanhamento Institucional de Egressos (Saie), notou-se que a amostra deste estudo para a faixa de até 24 anos é maior, mas, para a faixa até 30 anos, é igual à pesquisa do Saie.

O treinamento corporativo (tanto o técnico quanto o comportamental) traz muitos benefícios para as organizações e para os colaboradores, preparando a equipe para lidar com situações rotineiras e até adversas, treinando-a para manusear novas ferramentas, potencializando as habilidades, tornando o profissional mais capacitado e habilidoso. Esse treinamento poderá ser feito por um colega com mais experiência, pelo superior imediato ou, ainda, por cursos fora do local de trabalho (GIL, 2011). Dos respondentes, 81,2% (112 respondentes) declararam ter recebido algum tipo de treinamento, o que demonstra a preocupação das organizações com seus recursos humanos.

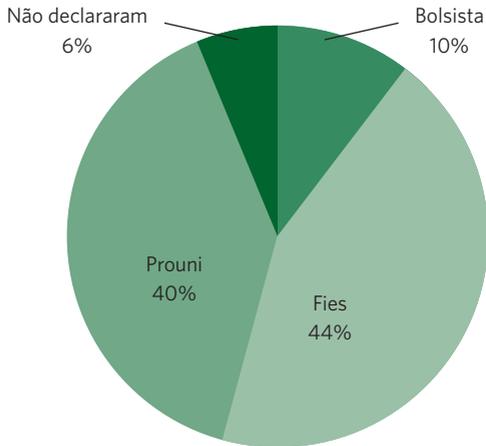
Além disso, 67% dos respondentes (93) trabalham na área do curso técnico em que foram matriculados, o que significa que o curso agregou conhecimentos técnicos necessários para exercerem sua atividade atual.

Indagados sobre o tipo de instituição escolar de ensino superior que frequentam atualmente, 14% dos respondentes (19) estão matriculados em instituições públicas, 54% (74) em instituições particulares e 32% (45) não estudam.

Os alunos matriculados em instituições privadas também foram questionados se são beneficiários de algum programa de crédito educativo, como: 1. Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em instituições não gratuitas; ou 2. Programa Universidade para Todos (Prouni), que tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação em instituições de ensino superior privadas, dirigido aos estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais, com renda familiar *per capita* máxima de três salários mínimos. Os candidatos são selecionados pelas notas obtidas no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem); e ainda 3. se estudam na condição de bolsistas da própria instituição.

Os benefícios para cursar o ensino superior foram citados de acordo com o Gráfico 1. Nesse caso, infere-se que, sem a ajuda financeira dada por

GRÁFICO 1 – BENEFÍCIO RECEBIDO PARA CURSAR O ENSINO SUPERIOR



Fonte: Elaborado pelos autores.

esses programas de incentivo, a grande maioria poderia ter maiores dificuldades financeiras para continuar seus estudos.

Campos e Santana (2013) apontam, diretamente, como um dos principais motivos para a desistência da escola, a incompatibilidade de horário com o trabalho. Como a necessidade de trabalhar para obter renda dificulta a conciliação entre estudo e trabalho pela exaustão provocada pelo dia de trabalho, este pode ser o motivo do baixo rendimento, culminando na evasão do aluno.

GRÁFICO 2 – MOTIVOS PARA EVASÃO ESCOLAR NO CURSO TÉCNICO



Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com o Gráfico 2, os respondentes evadidos elencaram os principais motivos para o abandono do curso técnico, o que confirma outras pesquisas sobre o tema (CAMPOS; SANTANA, 2013; JOHANN, 2012; PELISSARI, 2012).

A Tabela 3 mostra as médias salariais encontradas para cada grupo estudado, sendo que os evadidos (57 respondentes) obtiveram uma média de R\$ 1.606,26 e os que se formaram conseguiram uma média de R\$ 1.873,02 – uma diferença 16,6% maior para os respondentes que concluíram o curso.

TABELA 3 – MÉDIAS SALARIAIS E TESTE DE NORMALIDADE

Grupos	Respondentes	Média	Desvio padrão	Erro padrão	95% intervalo de confiança para a média		Kolmogorov-Smirnov	
					Limite inferior	Limite superior	Estatística	<i>p</i> -valor
Evadidos	57	1.606,26	508,10	67,299	1.471,45	1.731,08	0,173	0,000
Formados	81	1.873,02	663,00	73,667	1.726,42	2.019,63	0,108	0,020
Total	138	1.762,84	616,11	52,447	1.659,13	1.866,55		

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os valores de significância do teste de Kolmogorov-Smirnov realizados nos valores de salários dos dois grupos de alunos – evadidos e formados – indicam que a amostra não possui uma distribuição normal dos dados com nível de confiança a 5%. Dessa forma, com dados definidos como não paramétricos, é recomendado o uso de testes específicos que não necessitam de populações normalmente distribuídas e não são afetados por valores extremos dos dados, não dependem de parâmetros populacionais (como média, variância, desvio padrão, proporção e outros) e de suas respectivas estimativas amostrais (BRUNI, 2012; BISQUERRA, SARRIERA; MARTINEZ, 2004).

Na Tabela 4, apresentam-se os resultados dos testes estatísticos de Mann-Whitney. Encontramos um grau de significância igual a 0,019, o que

evidencia que há diferença salarial significativa entre os alunos egressos e evadidos do ensino técnico de nível médio, componentes da amostra, confirmando a primeira hipótese deste estudo.

TABELA 4 – TESTE DE MANN-WHITNEY PARA DIFERENÇAS SALARIAIS

Descrição	Renda
Mann-Whitney U	1.767,00
p-valor	0,019

Fonte: Elaborada pelos autores.

Nas pesquisas de Alves e Soares (1997), Leite (1997) e Machado (1998), há dados do aumento da demanda por trabalhadores mais escolarizados, equivalendo dizer que as organizações procuram, além de qualificações técnicas, também as comportamentais. As organizações que identificam as pessoas como recursos para a execução de tarefas possuem visão ampla, pois valorizam suas características individuais, atitudes, motivações e objetivos. Existem pesquisas relacionando o número de anos de estudo com a renda do indivíduo, mostrando que indivíduos mais escolarizados obtêm maiores ganhos salariais em virtude da maior produtividade trazida pela educação (MENEZES FILHO, 2001).

O resultado do teste da primeira hipótese deste estudo confirma os estudos citados nos dois parágrafos anteriores, pois os respondentes que conseguiram terminar seus cursos estão recebendo maiores salários. Esclarecemos que a diferença salarial verificada é de 16%; diferença considerável, pois a maioria deles está no mercado de trabalho há pouco tempo.

Com o objetivo de estender a generalização dos resultados deste estudo, foi analisado se há diferenças salariais entre profissionais técnicos de nível médio formados pela rede Paula Souza e os alunos evadidos da Etec/GV.

Os alunos egressos da rede Paula Souza têm uma média salarial de 2,9 salários mínimos, levantados pela pesquisa do Saie, de 1999 a 2007.

Atualizando esse valor pelo salário mínimo de 2014, o valor resultante para comparação com os alunos evadidos é igual a R\$ 2.099,60.

Na Tabela 5 podem ser visualizados os testes de comparação das médias entre estes grupos de alunos.

TABELA 5 – DIFERENÇA DE SALÁRIOS: EVADIDOS GV X EGRESSOS DO SAIE

Descrição	Quantidade de evadidos	Teste Wilcoxon	p-valor
Rendimentos	57	183,0	0,000

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os resultados indicam que há diferença estatisticamente significativa entre as médias salariais dos egressos da pesquisa do Saie e os evadidos constantes da amostra sob um nível de confiança igual a 5%. Assim, entende-se que o mercado de trabalho valoriza o conhecimento adquirido dos alunos egressos, ou seja, a terminalidade proposta nos cursos técnicos de nível médio (BRASIL, 2004) não significa salário maior ao portador desses certificados intermediários. As organizações reconhecem e pagam salários melhores aos formados.

De maneira suplementar, investigou-se se o treinamento corporativo fornecido aos colaboradores das empresas influencia nos salários recebidos pelos jovens que não completaram seus cursos. Entre os 57 respondentes, 12 profissionais declararam não terem tido treinamento algum ou em cursos externos. Os resultados da comparação de salários desses grupos de profissionais podem ser visualizados na próxima tabela:

TABELA 6 – TESTE DE MANN-WHITNEY PARA TREINAMENTO DE ALUNOS EVADIDOS

Descrição	Treinamento
Mann-Whitney U	209
p-valor	0,231

Fonte: Elaborada pelos autores.

O teste Mann-Whitney mostra um *p-valor* de 0,231, ou seja, maior que 0,05 (Tabela 6), significando que não foi encontrada diferença estatisticamente significativa entre os grupos evadidos com e sem treinamento.

A segunda hipótese propõe comparar os ganhos salariais de indivíduos que cursaram o ensino médio profissionalizante e de outros trabalhadores em geral. Para esta análise, foram estudados os dados da Pnad/2012 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013), que, entre outras constatações, mostra quanto o trabalhador brasileiro ganha em média.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013), conforme a Tabela 7 – Rendimento médio mensal real de todos os trabalhos das pessoas de 15 anos ou mais de idade –, o trabalhador brasileiro, em 2012, ganhava, em média, R\$ 1.507,00 (2,42 salários mínimos). Em valores atuais, isso corresponde a R\$ 1.752,08 (considerando o salário mínimo de 2014 de R\$ 724,00). O trabalhador do Estado de São Paulo, em 2012, ganhava, em média, R\$ 1.857,00 (2,98 salários mínimos). Em valores atuais, R\$ 2.157,52 (considerando o salário mínimo em 2014 de R\$ 724,00).

O resultado a esse questionamento, pela aplicação do teste de Wilcoxon, mostrou que há diferença estatisticamente significativa entre as médias de salários, conforme mostra a Tabela 7, a seguir:

TABELA 7 – RENDIMENTO MÉDIO MENSAL REAL DE TODOS OS TRABALHOS DAS PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE, OCUPADOS NA SEMANA DE REFERÊNCIA, COM RENDIMENTO DE TRABALHO, POR SEXO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 2011-2012

Unidades da Federação	Rendimento médio mensal real de todos os trabalhos das pessoas de 15 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento de trabalho (R\$)		
	Total	Homens	Mulheres
	2012		
Brasil	1507	1698	1238
Rondônia	1360	1477	1141
Acre	1270	1313	1203

(continua)

TABELA 7 – RENDIMENTO MÉDIO MENSAL REAL DE TODOS OS TRABALHOS DAS PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE, OCUPADOS NA SEMANA DE REFERÊNCIA, COM RENDIMENTO DE TRABALHO, POR SEXO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 2011-2012 (continuação)

Unidades da Federação	Rendimento médio mensal real de todos os trabalhos das pessoas de 15 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento de trabalho (R\$)		
	Total	Homens	Mulheres
	2012		
Brasil	1507	1698	1238
Amazonas	1221	1283	1112
Roraima	1454	1539	1327
Pará	1063	1133	938
Amapá	1544	1586	1480
Tocantins	1305	1400	1162
Maranhão	1161	1289	948
Piauí	897	933	838
Ceará	955	1016	865
Rio Grande do Norte	1128	1222	988
Paraíba	1029	1131	879
Pernambuco	1067	1152	940
Alagoas	971	1048	838
Sergipe	1163	1308	939
Bahia	1054	1144	919
Minas Gerais	1416	1646	1092
Espírito Santo	1492	1738	1160
Rio de Janeiro	1714	1946	1407
São Paulo	1857	2154	1472
Paraná	1674	1940	1310
Santa Catarina	1713	2011	1323
Rio Grande do Sul	1558	1748	1302
Mato Grosso do Sul	1640	1888	1294
Mato Grosso	1682	1884	1352
Goiás	1509	1734	1184
Distrito Federal	2779	3145	2356

Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2011-2012.

Neste caso, o teste confirma que há diferença entre as médias salariais desses grupos, sob um nível de confiança de 5%. Se forem considerados que esses alunos evadidos têm, em sua grande maioria, o ensino fundamental II e, no mínimo, mais um ano de ensino médio (condição para matrícula no ensino técnico profissional de nível médio modular), trata-se de uma amostra com um nível de escolaridade de aproximadamente dez anos e com alguma capacitação escolar para uma profissão, o que poderia justificar um salário acima da média da Pnad/2012 – nível Brasil.

TABELA 8 – DIFERENÇA DE SALÁRIOS: EVADIDOS GV X RENDIMENTO MÉDIO PNAD/2012 – BRASIL

Descrição	Quantidade de evadidos	Teste Wilcoxon	p-valor
Rendimentos	57	476,0	0,005

Fonte: Elaborada pelos autores.

Neste caso, concluímos que os salários dos respondentes desse grupo são menores que a média encontrada na Pnad/2012, de R\$ 1.752,08, em valores atuais. Essa defasagem no ganho salarial dos evadidos pode ser explicada pela falta de experiência profissional e pela qualificação técnica incompleta, entre outras possibilidades.

CONCLUSÕES

No mundo dos negócios, as organizações se colocam em uma procura contínua de diferenciações estratégicas e vantagens competitivas buscando o talento humano por intermédio de profissionais cada vez mais competentes (SANT’ANNA; MORAES; KILIMNIK, 2005).

Observam-se esforços por parte do governo e da sociedade para qualificar pessoas e inseri-las nas organizações que necessitem de talentos para se tornarem economicamente competitivas e sustentáveis. Assim, a formação completa do técnico de nível médio é importante para que o jovem possa exercer sua profissão com segurança e competência, com condições de plena realização de suas tarefas. Já quando o aluno desiste de frequentar

o curso, pode não obter a mesma eficiência de um aluno formado e exigirá maior atenção e treinamento de seus supervisores.

Em virtude da escassez de mão de obra qualificada ou ainda por se verem forçadas a reduzir custos, as empresas contratam essa mão de obra que ainda não está totalmente pronta e, com algum treinamento, conseguem a contribuição desejada pela organização.

A entrada no mercado de trabalho reduz a oportunidade de uma boa educação, pois se sabe que jovens trabalhadores têm menor oportunidade de frequentar a escola regularmente. Mesmo frequentando, para muitos, não sobra tempo para estudar, aumentando a desistência. A maioria trabalha por necessidade de sobrevivência e outros por busca de independência financeira (SILVA; KASSOUF, 2002).

De acordo com os resultados deste estudo, evidenciou-se que os alunos formados do curso técnico conseguem melhores salários que os alunos evadidos com uma diferença significativa. Nota-se que o salário dos alunos formados é 16,6% maior do que o do grupo de alunos evadidos, e com tendência a aumento em função da experiência profissional que adquirirão no trabalho e sua certificação profissional.

Considerando o momento econômico atual de pleno emprego (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013), isso faz com que as organizações que realmente necessitam de recursos humanos contratem e treinem sua própria mão de obra. As organizações recrutam jovens que queiram trabalhar, mesmo com estudos ainda incompletos. Estes, uma vez inseridos no mundo do trabalho, poderão ter dificuldade para continuar estudando, podendo entrar no grupo de alunos que evadirão da escola no futuro pelos motivos já declarados.

Quanto ao treinamento corporativo, os resultados desta pesquisa mostram que este treinamento não agrega mais valor financeiro aos salários recebidos pelos alunos evadidos, pois não se evidenciou a influência das certificações intermediárias, que deveriam capacitar esses alunos. No entanto, observa-se que as empresas se preocupam, ou necessitam, da formação especializada de sua mão de obra, fornecendo treinamento a esses jovens.

Conforme diversos estudiosos, a evasão pode ocasionar sérias repercussões sociais e econômicas. Além dos problemas escolares para os alunos e para a sociedade, podem ocorrer perdas financeiras para a escola e para o governo (CAMPOS; SANTANA, 2013; CRAVO, 2012; JOHANN, 2012; PELISSARI, 2012).

Os principais motivos da evasão escolar declarados pelos respondentes são: incompatibilidade de horário com o trabalho; necessidade de trabalhar; entrou no curso superior; trocou de curso; e curso diferente do esperado. Esses resultados corroboram pesquisas anteriores sobre o tema (JOHANN, 2012; PELISSARI, 2012).

Pelos resultados desta pesquisa, os jovens parecem conscientes de que necessitam de mais preparo educacional e buscam mais conhecimentos por meio da educação, pois 66% do total de respondentes continua estudando e, mesmo entre os considerados evadidos, 60% estão cursando o ensino superior.

As políticas públicas para a área estudantil, principalmente as ligadas ao financiamento, mostraram-se relevantes, já que 34,8% da amostra (138 respondentes) estudam em instituições privadas com bolsas de estudos como o Prouni ou o Fies; esses instrumentos são importantes para a continuação dos estudos desses jovens. Nesta pesquisa, foram encontrados 14% (19) dos respondentes que cursam universidades públicas.

O estudo dos fatores que levam à evasão é importante para todos os atores: alunos, escolas, empresas, mercado e governo. No primeiro momento, o penalizado é o aluno, parte mais frágil, mas sua opção por desistir da escola acaba afetando o futuro de todos esses atores. Como resultado, teremos jovens com baixa qualificação, escolas com custos altos em virtude da evasão, mão de obra pouco qualificada, poucas oportunidades de trabalho e necessidade de políticas sociais para inclusão dessas pessoas na sociedade.

Recomenda-se a elaboração de estratégias por intermédio das organizações governamentais e escolares, para combater a evasão escolar e o acréscimo da entrega de profissionais capazes de atender às exigências do mercado, possibilitando melhores condições de competitividade e sustentabilidade das empresas.

Com a mudança da produção industrial de caráter rígido para uma de caráter flexível, exige-se maior versatilidade dos trabalhadores e estrutura da empresa, assim como mais educação e maior capacitação do trabalhador para desempenhar várias tarefas. A empregabilidade das pessoas viria por meio da educação (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI, 1993).

Dadas as diferenças entre as médias salariais de alunos evadidos, técnicos formados pelo Centro Paula Souza e outros profissionais, confirma-se que a decisão de estudar pode estar ligada a uma decisão econômica.

Há profissões que, em certos momentos, são muito requisitadas pelo mercado, com ótimos salários; nesses períodos, a procura para esses cursos cresce e, depois de alguns anos, há excesso de profissionais no mercado e os salários não se elevam, trazendo desencanto e desânimo aos jovens. Isso pode ter acontecido com alguns cursos técnicos (área da saúde, nutrição, saneamento, entre outras), cujos salários são os mais baixos, conforme a pesquisa do Saie.

Infere-se que este estudo possa colaborar para a redução da evasão ao expor que jovem formado obtém maiores salários se comparado àqueles que abandonam o curso precocemente.

Assim, os resultados permitem apontar caminhos futuros para que a área de gestão de pessoas dialogue com as organizações escolares, como parceiros ou de outras formas, para juntos obterem melhores resultados na qualificação dos jovens.

Informam-se algumas limitações deste estudo, tais como: a generalização dos resultados à população, pois se entende que a amostra pode conter diversos fatores sociais e econômicos que podem destoar da população brasileira e erros de precisão entre dados reais e informados.

Para pesquisas futuras sugere-se: a ampliação do estudo a uma população e amostra maiores, incluindo mais escolas técnicas; a replicação do estudo em outras localidades; a investigação dos tipos e da qualidade de treinamento corporativo oferecidos pelos empregadores; e a realização de uma investigação exploratória sobre a influência da educação da família do aluno e seus pais.

Degree versus wage: an analysis of scholar evasion of professional courses

31

ABSTRACT

Into the business world, organizations are continuously searching for strategic differences and seeking human talent in increasingly competent professionals. Education applied to professional tasks becomes more important as it increases its role in the dynamics of modern society that requires continuous knowledge updating and seeks to reduce the evasion of courses as one of its challenges. Young people join a technical course waiting for an attractive return in the near future, or at least enable them to achieve their dreams. However, scholar evasion has been a constant fact. Thus, one of the most common occurrences in poor young people is the need to work for household budget, increasing the probability to drop out of school. This research aims to understand the scholar evasion between groups of students, among other analyzes. Data were collected among freshmen in ten mid-level technical courses at a state technical school in the city of São Paulo. The research supports the conclusion that the graduates get better salaries than dropout students, and the average wage of those who finished the course higher by 16.6% on average wage of dropouts students.

KEYWORDS

Wage differences. Professional education. Technical courses. Scholar evasion. Technical education.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. L. G.; SOARES, F. V. Ocupação e escolaridade: modernização produtiva na região metropolitana de São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 54-63, 1997.

BARBOSA, C. S. *Juventude, trabalho e educação profissional*: o Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego em discussão. 210f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2007.

BARBOSA FILHO, F. H.; PESSOA, S. A. Educação e crescimento: o que a evidência empírica e teórica mostra? *Revista Economia*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 265-303, 2010.

BECKER, G. S. Investment in human capital: A theoretical analysis. *The Journal of Political Economy Part 2: Investment in Human Beings*, v. 70, n. 5, p. 9-49, 1962.

BISQUERRA, R.; SARRIERA, J. C.; MARTINEZ, F. *Introdução à estatística*: enfoque com o pacote estatístico SPSS. São Paulo: Artmed, 2004.

BRASIL. Decreto n. 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm>. Acesso em: 12 dez. 2013.

BRUNI, A. L. *SPSS. Guia prático para pesquisadores*. São Paulo: Atlas, 2012.

CAMPOS, R. K. N.; SANTANA, G. C. *Fatores e motivos da evasão escolar no curso técnico subsequente em manutenção e suporte em informática do IFSP – Campus Itabaiana/SE*. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 11. 2013, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Champagnat.

CARVALHO, R. Q. Capacitação tecnológica, revalorização do trabalho e educação. In: FERRETTI, C. J.; ZIBAS, D. M. L.; MADEIRA, F. R.; FRANCO, M. L. P. B. (Org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação*: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 93-127.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). *Competitividade industrial*: uma estratégia para o Brasil. Rio de Janeiro: CNI, 1988.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). Educação básica e formação profissional: uma visão dos empresários. In: REUNIÃO DE PRESIDENTES DE ORGANIZAÇÕES EMPRESARIAIS IBERO-AMERICANAS, 6., 1993, Salvador. *Anais...* Rio de Janeiro: CNI, 1993.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). *Rumo ao crescimento*: a visão industrial. Sumário executivo. Rio de Janeiro: CNI, 1994.

- CRAVO, A. C. Análise das causas da evasão escolar do curso técnico de informática em uma faculdade de tecnologia de Florianópolis. *Revista GUAL*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 238-250, 2012.
- GIL, A. C. *Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais*. São Paulo: Atlas, 2011.
- GRAMIGNA, M. R. *Modelo de competências e gestão de talentos*. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio/2012 (Pnad/2012). 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoe-rendimento/pnad2012/default_sintese.shtm>. Acesso em: 13 abr. 2014.
- JOHANN, C. C. *Evasão escolar no Instituto Federal Sul-Rio-Grandense: um estudo de caso no campus Passo Fundo*. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, Brasil, 2012.
- LEITE, E. M. Juventude e trabalho: criando chances, construindo cidadania. In: FREITAS, M.; PAPA, F. C. (Orgs.). *Políticas públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 145-164.
- LEITE, M. P. Modernização tecnológica e relações de trabalho. In: FERRETTI, J. C.; ZIBAS, D. M. L.; MADEIRA, F.; FRANCO, M. L. P. B. (Org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 36-53.
- LEITE, M. P. Qualificação, desemprego e empregabilidade. *São Paulo em Perspectiva*, v. 11, n. 1, p. 64-69, 1997.
- MACHADO, L. R. S. O modelo de competências e a regulamentação da base curricular nacional e de organização do ensino médio. *Trabalho & Educação*, v. 4, n. 4, p. 79-95, ago./dez. 1998.
- MARQUES, I. C. *O Brasil e a abertura dos mercados: o trabalho em questão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- MEKSENAS, P. *Sociologia da educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

- MENEZES FILHO, N. A. *A evolução da educação no Brasil e seu impacto no mercado de trabalho*. Departamento de Economia, Universidade de São Paulo. mar. 2001. (Artigo preparado para o Instituto Futuro Brasil). Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/421882b1-d645-4f87-99a0-7064952e8bbo.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- MINCER, J. Investment in human capital and personal income distribution. *Journal of Political Economy*, Chicago, v. 66, n. 4, p. 281-302, 1958.
- MORGAN, G. *Imagens da organização: gestão executiva*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- OLIVEIRA, R. Empresariado industrial e a educação profissional brasileira. *Revista Educação e Pesquisa*, v. 29, n. 2, p. 249-263, 2003.
- PELISSARI, L. B. *O fetiche da tecnologia e o abandono escolar na visão de jovens que procuram a educação profissional técnica de nível médio*. 225f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil, 2012.
- POCHMANN, M. *O emprego na globalização*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- POCHMANN, M. *A batalha pelo primeiro emprego: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Publishers Brasil, 2007.
- QUEIROZ, L. D. Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 64, n. 147, p. 3869, 2006.
- RAMOS, M. N. *A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?* São Paulo: Cortez, 2001.
- SANT'ANNA, A. S.; MORAES, L. F. R.; KILIMNIK, Z. M. Competências individuais, modernidade organizacional e satisfação no trabalho: um estudo de diagnóstico comparativo. *Revista ERA*, v. 4, n. 1, p. 1-23, 2005.
- SARRIEIRA, J. C. Treinamento em habilidades sociais na orientação de jovens à procura de emprego. *Psico*, v. 30, n. 1, p. 67-85, 1999.
- SCHARGEL, F. P.; SMINK, J. *Estratégias para auxiliar o problema de evasão escolar*. Tradução de Luiz Frazão Filho. Rio de Janeiro: Dunya Ed., 2002.
- SCHUTZ, T. W. Capital formation by education. *Journal of Political Economy*, Chicago, v. 68, n. 6, p. 571-583, 1960.
- SILVA, N. D. V.; KASSOUF, A. L. O trabalho e a escolaridade dos brasileiros jovens. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13. 2002, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: Abep, 2002. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2013.
- SOUZA, A. P. F. Os desafios de inserção juvenil no mercado de trabalho pelas políticas públicas: uma análise do Programa Agente Jovem em Belo Horizonte. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del Rei, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2006.

